

TEMPO E CONTRATEMPO

Emmanuel
VÃO GÔFO

M:LLÔR
FERNANDES



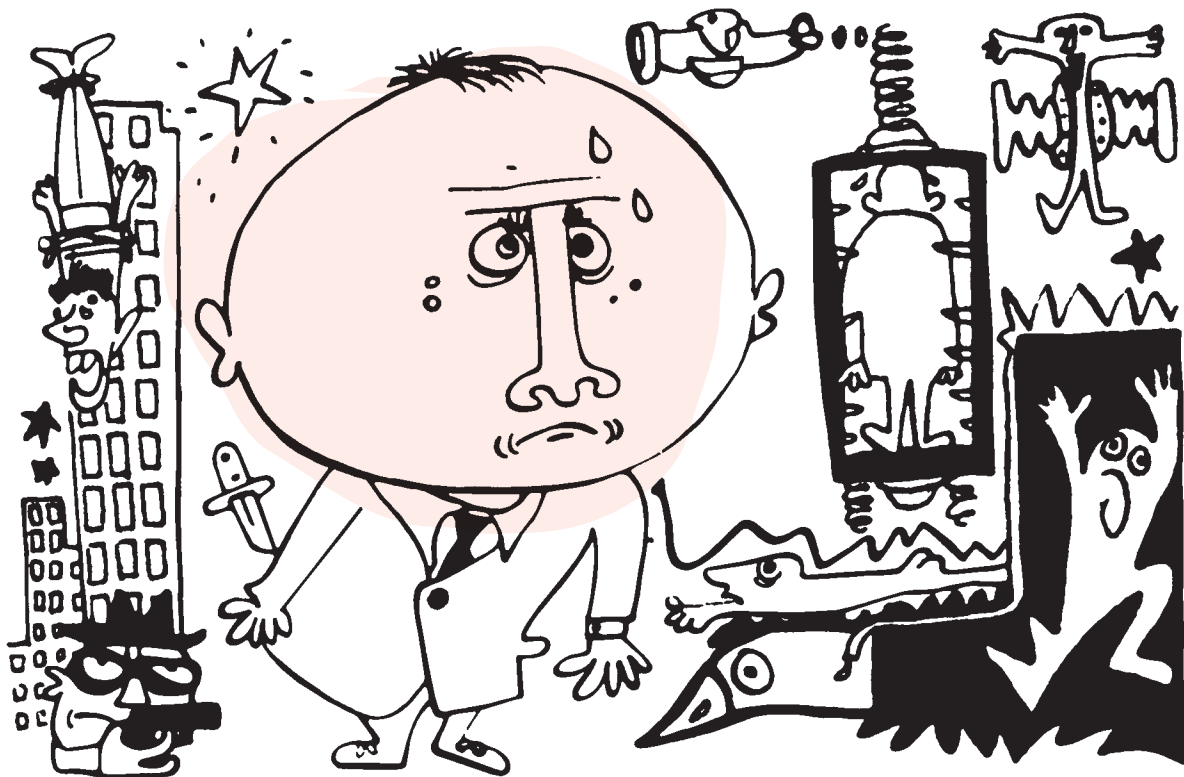
SIMILIA SIMILIBUS CURANTUR



Depois de muito observar colecionadores de selos, compradores de livros, coletores de medalhas, tipos apaixonados por fotografia, sujeitos que viviam juntando moedinhas de todas as épocas e países, compiladores de erros de português e arrebanhadores de louras braquicéfalas, um homem teve um dia a ideia de colecionar tudo sobre sujeitos que colecionavam tudo. E inventou então a coleção da coleção.

Mãe extremosa (Cornelia, mãe dos Gracos, sempre me lembrou), ela adorava os filhos, louvava-os diante de todas as visitas. Uma vez era a inteligência. Outra o caráter. Outra o bom comportamento. Outra a aplicação na ginástica. Um dia, porém, ela disse, toda cheia de si, diante dos filhos que não queriam sair sem os sapatos limpos: "Sim, meus filhos são muito orgulhosos". Era o orgulho do orgulho.

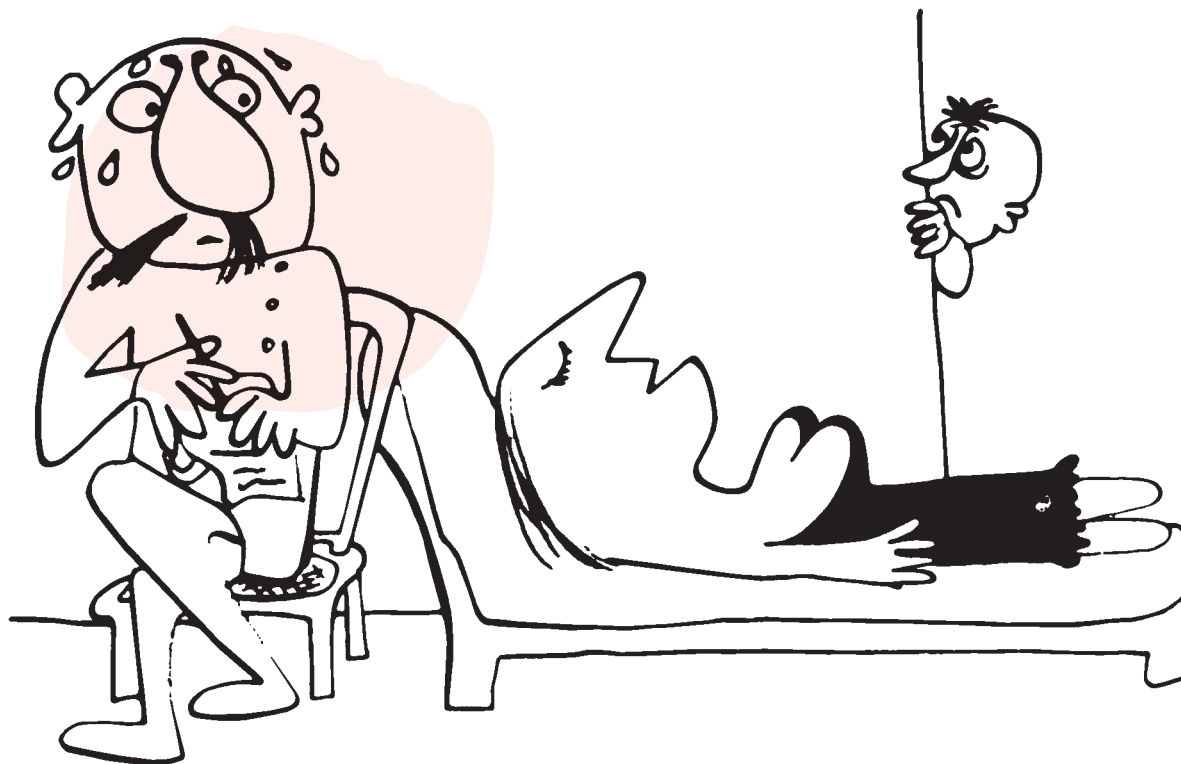




Ele era um homem corajoso. Indômito, intrépido, impávido. Nada temia. E se tinha uma luta era luta aberta, valente, correta. Um dia, porém, soube que havia uma coisa chamada fobia. Falaram-lhe, no escuro, da atrofobia. Num elevador alguém lhe narrou acerca da claustrofobia. Depois, no alto de um edifício, ouviu algo acerca da barofobia. E começou então a sentir a fobofobia, a pavorosa fobia da fobia.

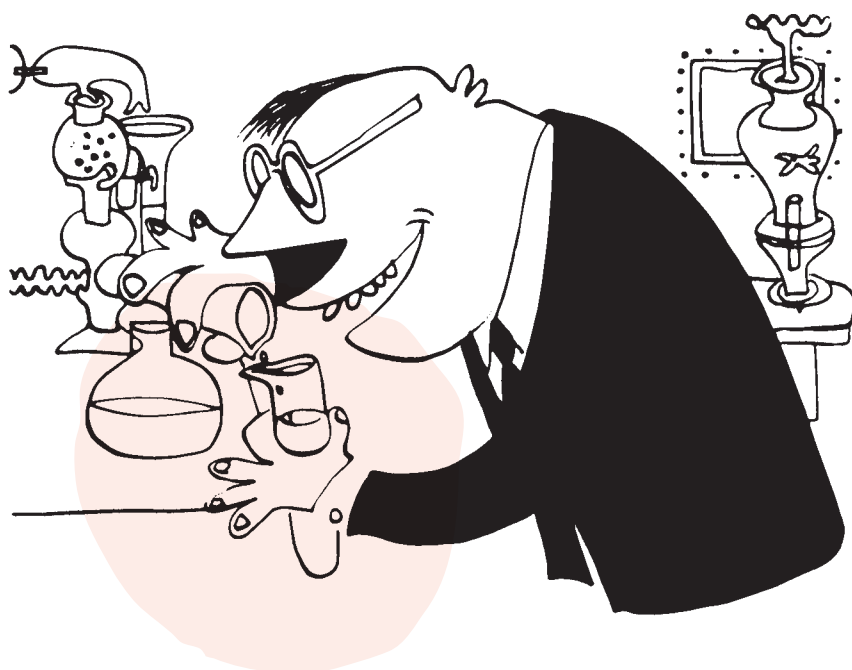
Atlético. Grande. Porte. Bonito. Inteligente. Vistoso. Simpático. Atraente. Bem vestido. E com algum dinheiro. De modo que jamais poderia sofrer de qualquer sentimento de inferioridade em toda a sua vida. Mas justamente porque tinha tudo e via tanta gente sem nada, sentia o terror de algum dia vir a ter alguma inferioridade. Tinha o complexo do complexo.

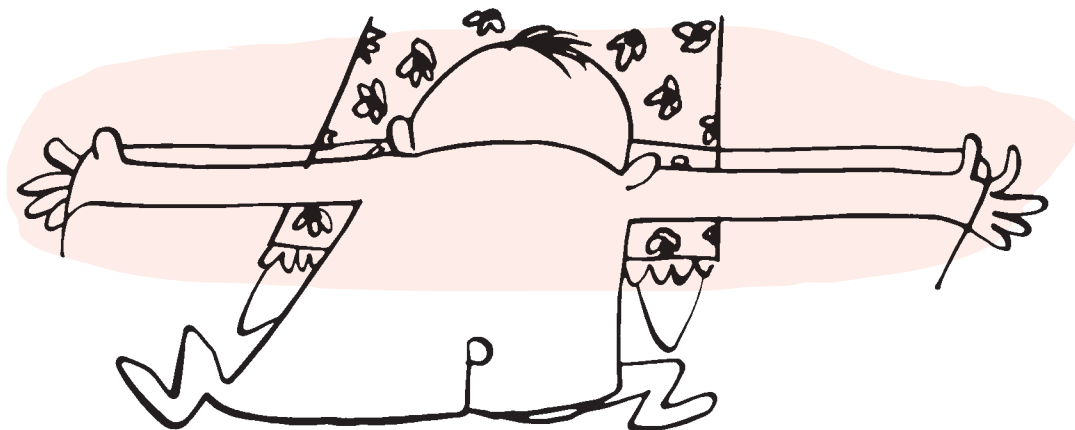




A outro homem perturbavam-no os estudos psicológicos. Não sabia realmente se aquilo era verdade ou não, se tinha fundamento ou não. E como a ciência em si mesma não lhe dava essa certeza, pôs-se a pesquisar as reações dos psicólogos em relação aos problemas que tinham a enfrentar. Nessa data, exatamente, descobriu-se a psicologia da psicologia.

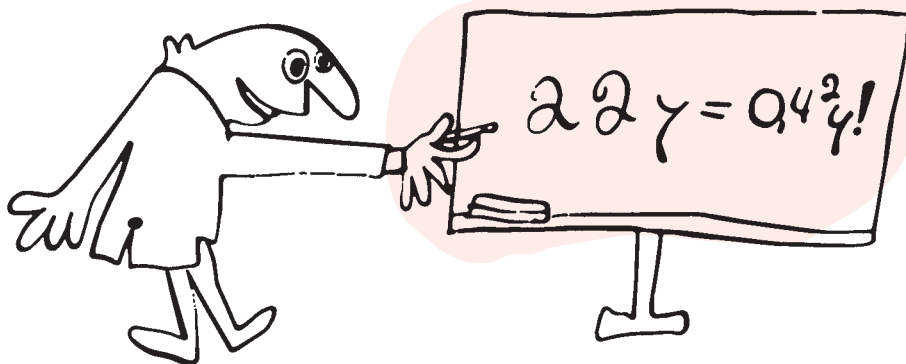
Médico, sua maior preocupação era ver todo mundo inteiramente saudável. Preocupava-o sobretudo ver tantas e tantas pessoas tomar remédios sem a mínima noção do que faziam. Então foi para seu laboratório, estudou, pesquisou, mexeu, remexeu e saiu de lá com um remédio capaz de dar nojo de todos os outros. Tinha encontrado, finalmente, a terapêutica da terapêutica.





De tanto medir, o alfaiate viu certo dia nascer em seu cérebro um problema. Tentou resolvê-lo comprando metros cada vez mais finos, cada vez mais finos. Até que começou a medir as freguesas com uma linha finíssima. Mas, por mais fina que fosse a linha — concluiu afinal —, jamais deixaria de ter espessura. E portanto jamais poderia eliminar a largura da largura.

Sim que os matemáticos usam esses símbolos, refletia. Sim que se uma conta dá certo aqui, dá certo na China ou na Sibéria e com equações chilenas se pode construir um restaurante árabe. Sim — achava ele —, sim. Mas como chegaram à conclusão de que exatamente esses símbolos e essas convenções viriam a ser justos? E desde esse dia, nunca mais deixou de pesquisar, na esperança de vir a compreender a matemática da matemática.



E um dia o cavalheiro escritor descobriu que pessoas que falavam dele jamais o tinham lido. Apenas porque achavam que não podiam ignorá-lo. Era a fama da fama.

